



EXPERIÊNCIA COLATERAL NO CONTEXTO DIGITAL

considerações à luz da semiótica e do pragmaticismo¹

COLLATERAL EXPERIENCE IN THE DIGITAL CONTEXT

considerations in the light of semiotics and pragmatism

Gabriel Engel Ducatti²

RESUMO

Inspirados na filosofia de Charles Sanders Peirce, o presente trabalho visa apresentar e discutir o seguinte problema: quais contribuições um estudo de base semiótica e pragmaticista pode trazer para a análise do atual ambiente digital de usuários de tecnologias de informação e comunicação (TIC), onde parece reinar a polarização, a desinformação e as bolhas epistêmicas? Argumentamos que, no contexto digital, preocupações com a verdade estão sendo ignoradas; e a noção de realidade parece ser ampliada desmedidamente para abarcar uma miríade de opiniões diversas e até divergentes. A suposta “era de pós-verdade” é real? Partindo de uma análise Semiótica e Pragmaticista, enraizada na filosofia de Peirce e, em especial em sua concepção de experiência colateral, analisaremos algumas das relações sógnicas existentes entre usuários de mídias digitais, considerando possíveis impactos na fixação de crenças que, ao ignorar e/ou deturpar as noções de verdade e realidade, degeneram-se.

Palavras-chave: Semiótica. Pragmaticismo. Experiência colateral. Tecnologias de informação e comunicação.

ABSTRACT

Inspired by the philosophy of Charles Sanders Peirce, this paper aims to present and discuss the following problem: what contributions can a semiotic and pragmaticist study bring to the analysis of the current digital environment of users of information and communication technologies (ICT), where does polarization, misinformation and epistemic bubbles reign? In such a digital context, the truth seems to be being ignored; and the notion of reality seems to be expanded beyond measure to try to encompass a myriad of diverse and even divergent opinions. Is the supposed “post-truth era” real? Starting from a Semiotic and Pragmatic analysis, rooted in Peirce's philosophy and especially in his conception of collateral experience, we will analyze questions about the sign relations existing between users of digital media, considering possible impacts on the fixation of beliefs that degenerate, by ignoring and/or distorting the notions of truth and reality.

Keywords: Semiotic. Pragmaticism. Collateral experience. Information and communication technology.

INTRODUÇÃO

¹ Artigo originado de pesquisa financiada pela FAPESP.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP). E-mail: gabrielducatti@gmail.com.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5659192765890875>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5387-5770>.



O objetivo geral deste artigo é discutir e apresentar problemas epistemológicos, correntes em sociedades informatizadas e digitalizadas, em que a noção de verdade parece ser dispensada em prol de um conforto epistêmico proporcionado pelas interações e ambientes digitais. O problema específico que direciona nossa investigação pode ser assim enunciado: quais contribuições um estudo de base semiótica e pragmaticista pode trazer para a análise do atual ambiente digital de usuários de tecnologias de informação e comunicação (daqui para frente, TIC)?

A crescente informatização e digitalização das atividades cotidianas e científicas dizem respeito à onipresença de tecnologias permeando os hábitos cotidianos de bilhões de pessoas, e também ao tempo gasto pelos seus usuários em interações e no consumo de um “mundo digital” que contém redes sociais, notícias, realidades virtuais, grupos de mensagens, entre outros. Assim é que são produzidos dados sobre os usuários que podem ser usados para finalidades diversas, por vezes, omitidas deles próprios. Nesse sentido, o termo *big data* surge como sendo um conglomerado de dados coletados massivamente dos usuários de TIC, através da interação destes com seus aparelhos, sensores e redes digitais. Conforme relatório elaborado pelo Instituto de Tecnologia & Sociedade do Rio:

Todas as ações e comunicações em plataformas digitais, como com telefones celulares, computadores ou mesmo transações de cartão de crédito e, mais recentemente, declarações de imposto de renda, ou ações que, em algum momento, são digitalizadas e assim transformadas em dados, como as câmeras de segurança associadas com software de reconhecimento facial ou de padrões, são passíveis de serem armazenadas, processadas, copiadas e distribuídas quase instantaneamente, possibilitando análises de dados que podem levar governos e empresas a tomar decisões supostamente melhor fundamentadas. (ITS-RIO, 2016, p. 9)

Entendemos que um dos papéis da Filosofia é apresentar um olhar crítico e cauteloso sobre consequências epistemológicas, éticas, pragmáticas e estéticas da intensa inserção de tecnologias de informação e comunicação (TIC) na vida humana, razão pela qual o presente trabalho, inspirado no pragmaticismo e na semiótica de Charles S. Peirce, justifica-se.

Entendemos que o pragmaticismo e a semiótica são mais do que desenvolvimentos teóricos que auxiliam na compreensão e na ação no mundo, pois eles se complementam e estabelecem um processo que se conduz semioticamente. Tal



processo semiótico, que se inicia com um sentimento e se estabiliza na fixação de disposições para ação, tem como finalidade fixar hábitos bem estruturados de conduta.

Mas, conforme nos explica Silveira:

À Semiótica que Peirce nesse momento se propõe a elaborar, preocupam os caracteres comuns de todos os signos, determinando os traços gerais da conduta dos seres inteligentes que são capazes de aprender com a experiência. Seu objeto será, portanto, como deve ser toda *semiose* [...]. (SILVEIRA, 2007, p. 22, *grifo do autor*)

Entendendo a abrangência e o caráter não antropomórfico da Semiótica elaborada por Peirce, ressaltamos que a noção de semiótica trabalhada no presente artigo é de natureza especial. Essa natureza decorre do recorte aqui proposto: almejando discutir as relações que se estabelecem na dinâmica das TIC, temos em vista apenas o campo da experiência sógnica humana e, para além disso, da relação destes frente às tecnologias de natureza digital.

Orientados pela semiótica e pelo pragmatismo, elaboramos o presente trabalho apresentando fundamentos para as seguintes hipóteses: (i) o contexto digital, por sua enorme multiplicidade sógnica, tende a reduzir drasticamente a ação e a complexidade do objeto dinâmico; (ii) por ser um espaço em que conteúdos como *fake news* podem ser cotidianamente propagados aos montes, o virtual inclina-se a ser um vertiginoso ambiente avesso à proposta pragmaticista de valorização do real, em sua complexidade concebida por meio de experiências colaterais. Nesse sentido, as mídias sociais e alguns sites da *internet*, do modo como vêm sendo elaborados, parecem-nos mais confundir e polarizar do que esclarecer e educar.

No pragmatismo a noção de verdade é central e pode ser entendida como um limite ideal da investigação, ou seja, como uma meta a ser atingida. Essa noção, que resultaria do consenso de uma comunidade falibilista, possivelmente nunca atingirá seu fim, e por esse motivo trata-se de um limite ideal. Peirce apresenta um exemplo que pode servir para esclarecer sua concepção de verdade. Conforme o autor (CP, 5.565, *tradução nossa*):

Verdade é uma característica que se vincula a uma proposição abstrata, tal qual uma pessoa pode pronunciar. Isso depende essencialmente de que essa proposição não professe ser uma verdade exata. Mas esperamos que com o progresso da ciência esse erro seja indefinidamente reduzido, assim como o erro de 3.14159, o valor dado ao π , reduzirá indefinidamente à medida que o cálculo for levando a mais e mais lugares de



decimais. O que nós chamamos π é um limite ideal ao qual nenhuma expressão numérica pode ser perfeitamente verdadeira.

Em síntese, a verdade, para Peirce, pode ser entendida como o que está no limite da investigação realizada por uma comunidade de investigadores, honestamente imbuídos em compreender a natureza, e essa busca é um processo dinâmico de relação com o real, e que sempre pode ser revisto. Entendemos que tal conceito de verdade, no contexto digital, tende a ser desconsiderado, e a noção de “pós-verdade” é explicada como um sentimento de relativismo disperso no ambiente *online*, que, de fato, tem consequências no estabelecimento de hábitos individuais e sociais.

Com a devida delimitação do escopo e das hipóteses de nosso artigo, apresentamos a seguir um caminho teórico-semiótico, a nosso ver, indispensável, para o entendimento das relações sígnicas estruturadas no encadeamento das dinâmicas individuais/sociais humanas e as TIC.

1 RELAÇÕES SÍGNICAS E OS MEIOS DIGITAIS: UMA INTRODUÇÃO SEMIÓTICA

Atualmente é comum que se veja em um número crescente de cidades pessoas caminhando, em pontos de ônibus ou em filas de espera, cabisbaixas mexendo em seus *smartphones*. Do mesmo modo, um número considerável de profissionais passa quase toda sua carga horária de trabalho sentado de frente para a tela de um computador. O modo como as pessoas buscam se informar também mudou. Conforme pesquisa realizada pelo portal de notícias Poder 360, os dez jornais mais relevantes do Brasil, em outubro de 2019, somavam uma queda de circulação de suas tiragens impressas de 51,7% em comparação a dezembro de 2014. A assinatura digital aumentou, mas de modo modesto, não proporcional à queda de vendas dos jornais impressos³. Um dos motivos dessa desproporção é que muitas pessoas começaram a se informar através das redes sociais. O próprio *Twitter* tornou-se um meio de comunicação muito utilizado por jornalistas e políticos. Ainda, parece plausível imaginar que, depois de um dia de trabalho e/ou estudos, muitas pessoas chegam ao conforto de suas casas e dirigem-se

³ Dados retirados de: PODER360. **Jornais no Brasil perdem tiragem impressa e venda digital ainda é modesta**. 2019. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/jornais-no-brasil-perdem-tiragem-impressa-e-venda-digital-ainda-e-modesta/>. Acesso em: 08 jun. 2020.



para outra tela: a da *smart tv*, onde assistem séries, vídeos etc., revezando a atenção com as mídias sociais em seus celulares.

Santaella (2005, p. XVI) ressalta que: “[...] especialmente depois do surgimento da hipermídia com seus fluxos e enxurradas de signos enchendo as telas dos monitores, [...] parece estar se tornando cada vez mais necessário compreender em profundidade como os signos agem”. É nosso objetivo compreender como esses signos das telas⁴, que parecem ter adquirido ainda mais relevância em preencher e ampliar noções naturais básicas como o “aqui”, o “encontrar” e o “estar”, têm moldado ou afetado a dinâmica de crenças.

Peirce não teve contato com o atual contexto tecnológico. Mas, visto que buscamos refletir sobre os aspectos que dizem respeito à característica mediadora de tais tecnologias, tomamos a liberdade de traçar um paralelo sobre o que Peirce refletiu acerca da fotografia, enquanto algo que se propunha a registrar e mediar relações entre pessoas e entre objetos.

No contexto de sua semiótica, Peirce (CP, 2.265) defende que a fotografia, por ser efetivamente afetada por seu *objeto*, é um índice⁵ altamente informativo. Mas, para Peirce, a mera impressão fotográfica não veicula por si só informação, “mas o fato dela ser praticamente uma seção de raios projetados a partir de um objeto *conhecido de outros modos* faz dela um Dicissigno” (CP, 2.320⁶, *grifo do autor*). Dicissigno, em suma, caracteriza-se por ser passível “[...] de julgamento que o considere verdadeiro ou falso quanto à representação do Objeto” (SILVEIRA, 2007, p.82), entendendo o termo “objeto” não em sentido corrente, mas semiótico, ou seja, análogo ao fato/existente que é independente de sua representação no signo.

Em sociedades informatizadas, a nosso ver, abre-se a possibilidade para uma desconsideração desse *conhecer de outros modos*; em outras palavras, ao “comprimir” experiências complexas reais em conteúdos digitais exibidos em uma tela, a prática individual e social, cada vez mais mediada e datificada, é desatenta e/ou ignora o *objeto*

⁴ Aqui fazemos uma referência às telas no sentido de que, por enquanto, são o principal meio/instrumento pelo qual os usuários de TIC fazem uso e têm acesso a tais tecnologias e redes.

⁵ O índice ou indicador pertence a uma classe de signos que dizem respeito à relação entre o signo e o objeto dinâmico, e “[...] é um signo que se refere ao Objeto que denota em razão de ver-se realmente afetado por aquele Objeto. [...] Na medida em que o Indicador é afetado pelo Objeto, tem necessariamente uma Qualidade em comum com o Objeto e é com respeito a essas qualidades que se refere ao Objeto. [...] e não é a simples semelhança com seu Objeto, mesmo sob esses aspectos que fazem dele um signo, mas a efetiva modificação dele por força do Objeto” (CP 2.248).

⁶ Tradução nossa de: But the fact, that it is virtually a section of rays projected from an object *otherwise known*, renders it a Dicisign.



(no sentido Peirceano), ou seja, a própria existência (ou não) de um referente, o que pode vir a distorcer, em algum grau, a noção sobre o que é real e, conseqüentemente, verdadeiro; o que nos parece ser contrário à proposta de Peirce, para quem o real é “aquilo cujas características são independentes de o que qualquer pessoa possa pensar que sejam” (W 2:469, 1878, *apud* RODRIGUES, 2017, p. 20).

Entendemos, à luz do pragmaticismo e da semiótica, que a caracterização de realidade engloba uma multiplicidade de fenômenos, por exemplo, fatos, sentimentos, generalidades, erros, pensamentos. Nesse sentido, também é abrangente o domínio das possibilidades de referência de um signo ou sistema de signos. Conforme Santaella:

[...] um signo só pode funcionar como tal porque representa, de uma certa forma e numa certa medida, seu objeto. O objeto do signo não é necessariamente aquilo que concebemos como “coisa” individual e palpável. Ele pode ser desde mera possibilidade a um conjunto ou coleção de coisas, um evento ou uma ocorrência até uma abstração ou um universal. (SANTAELLA, 2005, p. 8)

Talvez porque há a impressão ou crença na possibilidade de ter acesso digital à informação sobre quase tudo a todo momento, sem constar ressalvas epistemológicas e ontológicas sobre o que não é digitalizável, os usuários são levados a crer que o que estão contactando no “mundo digital” tende a dizer respeito à realidade. Dito de outro modo, no contexto digital parece não haver uma tendência em “filtrar” ou investigar se a informação recebida diz ou não respeito à realidade; o *online* é um local em que há mais ferramentas de interação e compartilhamento do que de verificação, o que prejudica a cautela nas ações e interações. Contudo, mesmo que os dispositivos de TIC mediem a relação entre o agente e o ambiente digital e apresentem ao usuário aspectos informativos da realidade, julgamos que tal mediação, feita rotineiramente através de telas, não consegue expressar toda a complexidade e generalidade que a multiplicidade do real pode conter. A experiência humana que, a rigor, é heterogênea, parece dar-se atualmente de um modo homogêneo⁷ quando é intensamente mediada através do digital.

Entretanto, apesar de termos adiantado algumas hipóteses, e para respeitarmos a perspectiva triádica da semiótica Peirceana, apresentamos, a seguir, nosso percurso

⁷ O termo “heterogêneo” é usado no sentido de que a experiência direta humana inclui múltiplos tipos de signos, como, por exemplo, percebermos amplos detalhes de um contexto que não seriam transmitidos através de uma tela. Nesse sentido, “homogêneo” diz respeito à experiência digital que, apesar de plural (há vídeo, textos, imagens, sons, informação diversa), apresenta-se como um recorte “traduzido” para o digital que, em diferentes graus, pode filtrar ou ampliar as possibilidades de interpretações incorretas em relação ao real.



teórico a fim de fundamentar nossas conclusões. Buscamos aprofundar a análise sobre o Signo, a fim de indicar hipóteses sobre sua relação com a noção de realidade, e sua influência na formação de hábitos.

Começamos a partir do diagrama básico da representação de um signo proposto por Peirce. É sabido que o autor formula mais de uma caracterização para signo, porém, todas as formulações parecem manter os mesmos elementos fundamentais para a compreensão da semiótica. Conforme o autor:

Um signo, ou *Representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do representamen. (PIERCE, CP 2.228⁸, *grifo do autor*)

Os três elementos acima descritos (representamen, objeto e interpretante) correlacionam-se e exercem função específica e indispensável para a constituição de um Signo (SILVEIRA, 2007, p. 30). O termo *signo*, apesar de caracterizar a tríplice estrutura acima mencionada, é também usado como sinônimo de *representamen* por Peirce quando a intenção for referir-se ao primeiro correlato, ao lado das noções de objeto e interpretante.

Este trabalho não focalizar as relações que se estabelecem entre a semiótica Peirceana e sua fenomenologia, em que Peirce apresentou categorias formais e universais dos modos como os fenômenos apresentam-se à mente, mas por entendermos que tais relações podem colaborar para a devida compreensão da noção de signo, expomos aqui a seguinte síntese: para Peirce, são três as categorias formais e universais constituintes dos fenômenos que aparecem à mente: primeiridade; secundidade e terceiridade. A primeira relaciona-se com as noções de acaso, possibilidade, qualidade e sentimento. A segunda, às ideias de determinação, ação e reação, aqui e agora, resistência, conflito, entre outros. Por fim, a terceiridade diz respeito à generalidade, ao crescimento, à inteligência e à continuidade. O Signo seria uma forma de manifestação da terceiridade, visto que ele é um primeiro (que se apresenta à mente), vinculando um segundo (um referente a que o signo indica) a um terceiro (o interpretante ou efeito provocado no intérprete) (SANTAELLA, 2005, p. 7). Como percebemos, as principais

⁸ Tradução retirada de Santaella (2000, p. 12).



características das três categorias fenomenológicas Peirceanas relacionam-se às noções correlatas presentes no signo.

Cabe lembrar que no diagrama básico do signo, que o coloca como um primeiro, que medeia a relação entre um segundo, o objeto, e um terceiro, interpretante, que é o efeito causado na mente que interpreta, cada um dos três correlatos subdividem-se. Conforme Peirce (1983, p. 123⁹/CP 8.182): “[...] para conseguir noções mais distintas do que seja o Objeto de um Signo e o Interpretante, impõe-se distinguir dois sentidos de ‘Objeto’ e três de ‘Interpretante’”.

Peirce apresenta duas caracterizações para sua noção de objeto, que é vinculada à categoria da secundidade e que exerce o papel de objetar-se e se referir no signo. A primeira diz respeito ao objeto imediato, que é o objeto enquanto conhecido no signo que a ele se refere; a segunda é o objeto dinâmico, que é o objeto mesmo enquanto só alcançável por experiência colateral. Conforme Silveira (2007, p. 46), experiência colateral seria aquela “[...] que independa daquele signo”, ou, nas palavras de Peirce (1983, p. 122-3, *grifo do autor*): “Com ‘observação colateral’ não quero dizer intimidade com o sistema de signos. O que assim é inferido *não* é colateral. [...] Por observação colateral refiro-me à intimidade prévia com aquilo que o signo denota”.

O objeto imediato é o que conecta o signo ao objeto dinâmico; aquele está, assim, contido no signo, enquanto o último é exterior a ele (e exterior também ao interpretante), ficando dependente da ação de outros sistemas de signos para ser conhecido.

No que diz respeito ao interpretante, enquanto o efeito interpretativo que o signo produz na mente de um intérprete, apresenta-se em três níveis: o imediato, o dinâmico e o final (ou normal). Como se nota, assim como o fez para o objeto, Peirce distingue o interpretante em imediato e dinâmico, mas acrescenta ainda uma terceira espécie, o interpretante final. Para Peirce (1983, p. 124/ CP 8.184, *grifo do autor*), esse último: “[...] é aquele que se decidiria a *constituir finalmente* a verdadeira interpretação, se se conseguisse chegar a um termo na análise do assunto”. Colocando os três interpretantes em comparação, Peirce os explica afirmando:

Do mesmo modo exige-se distinguir o *Interpretante Imediato*, isto é, o interpretante representado ou significado no Signo, do *Interpretante Dinâmico*, ou efeito atualmente produzido na mente pelo signo;

⁹ As traduções retiradas dessa obra (1983 – Coleção os Pensadores) são de Armando Mora D’Oliveira e Sérgio Pomerangblum.



distinguindo ambos do *Interpretante Normal*, ou efeito que seria produzido na mente pelo Signo após o desenvolvimento suficiente do pensamento. (PIERCE, CP 8.343¹⁰, *grifo do autor*)

Entendemos que o interpretante imediato, enquanto a face que o signo está apto a produzir como efeito, é uma propriedade objetiva do signo que possibilita a delimitação de suas possibilidades de significação. O interpretante final ou normal, por sua vez, possui um sentido teleológico, ou seja, ideal, porém inatingível, pois o signo não exaure todo o seu grau de interpretabilidade.

O interpretante dinâmico é o efeito produzido na mente de um intérprete e, na filosofia de Peirce, apresenta-se em três níveis: no nível de um interpretante emocional; de um interpretante energético; e de um interpretante lógico.

O primeiro efeito interpretativo de um signo é de ordem emocional, mesmo que seja apenas um rápido sentimento de reconhecimento e/ou compreensão do signo. Assim, por exemplo, ouvir a execução de uma peça musical instrumental pode causar esse tipo de interpretante. Mas, o signo pode ainda despertar um segundo efeito, caracterizando-se por ser um esforço mental ou físico, que nunca será o significado de um conceito intelectual; Peirce denomina-o de interpretante energético. Por fim, ao considerar que o efeito do signo vai além de causar emoção e reação, Peirce designa ao interpretante lógico uma natural significação intelectual (5.475-6).

Ao atribuir ao interpretante lógico uma natureza de significação intelectual, Peirce o faz ciente da problemática de que de tal interpretante restaria em um novo signo, e então um novo interpretante, e um outro signo, e assim sucessivamente ao infinito. É provável que existam interpretantes lógicos de natureza estritamente sîgnica, mas “[...] Peirce buscava interpretantes lógicos que conduzissem o pensamento à porta da ação deliberada. De que se tratava de algum tipo de fato mental, Peirce não tinha dúvida. Entretanto, que tipo de fato mental poderia ser?” (SANTAELLA, 2004a, p.80). Nas palavras de Peirce:

Pode provar-se que o único efeito mental que pode ser assim produzido e que não é um signo mas é de aplicação geral é uma *mudança-de-hábito*; entendendo por *mudança-de-hábito* uma modificação nas tendências de uma pessoa para a ação, que resulta de exercícios prévios da vontade ou dos atos, ou de um complexo de ambas as coisas. (PIERCE, 1983, p. 131/CP 5.476, *grifo do autor*)

¹⁰ Tradução retirada de Silveira (2007, p. 49).



O interpretante lógico, então, pode ter a natureza de um hábito, enquanto uma tendência para ação; conforme o próprio autor: “[...] permanece apenas o hábito como sendo a essência do interpretante lógico” (PEIRCE, 1983, p. 135/CP 5.486).

A partir de tal consideração do papel do interpretante lógico na constituição de hábitos, Peirce ressalta a estreita relação entre a ação do signo e a formação de tendências na conduta. Conceitos, proposições e argumentos podem também ser interpretantes lógicos, mas, em relação a estes, não haverá um interpretante lógico final, pois este é também um signo que possui seu interpretante lógico. Nesse sentido, “Só o hábito, que podendo ser signo por outra via, não é signo pela mesma via que o signo com interpretante lógico o é” (PEIRCE, 1983, p. 138/CP 5.491).

O hábito, no sentido Peirceano, não é uma força inflexível que determina as ações. É, por outro lado, “[...] um princípio-guia, uma força viva, uma orientação geral que conduz nossas ações, sem aprisioná-las em uma moldura fixa. É por isso que há sempre uma certa margem de flexibilidade na maneira como as ações são reguladas pelos hábitos” (SANTAELLA, 2004a, p. 80).

Como explica Ibri (2018, p. 925): “O interpretante dinâmico deve ser fenomenologicamente dialogante para que se preste a suporte da formação de interpretantes lógicos que se orientem de modo supostamente verdadeiro para interpretantes finais”. Em outras palavras, é preciso que os interpretantes dinâmicos, que são os efetivamente produzidos na mente que interpreta, estejam abertos ao diálogo com a realidade, ou seja, atentos às características do objeto dinâmico mediadas através do signo, a fim de produzir interpretantes lógicos que possam moldar hábitos direcionados à verdade. Trata-se, a nosso ver, de uma caracterização semiótica que diz respeito a postura de deliberarmos sobre as consequências de nossa ação: “O hábito deliberadamente constituído, autoanalisado – autoanalisado porque foi formado com a ajuda da análise dos exercícios e por ela alimentado –, é a definição viva, o verdadeiro e derradeiro interpretante lógico” (PEIRCE, 1983, p. 138/CP 5. 491).

A noção de signo não é una, pois há diferentes classes e, assim, diferentes possibilidades de ação de tais signos na relação para consigo mesmo, na relação para com o objeto, e na relação para com o interpretante. Como vimos, a formação de interpretantes é um terceiro em relação a um primeiro, o signo, que foi afetado por um segundo, o objeto.

Analisando tal relação predecessora (do signo com o objeto), retomaremos a questão dos sistemas sígnicos presentes nas TIC. No que segue iremos alicerçar nossas



hipóteses¹¹, indicadas na introdução deste trabalho, enfatizando a relação do signo para com o objeto.

Sustentamos que, no contexto digital, parece-nos haver uma desconsideração do objeto dinâmico na efetiva modificação de parte dos signos provindos do meio virtual, como ocorre com as *fake news*, o que tende a gerar interpretantes que constituem hábitos degenerados. Nesse sentido, argumentamos sobre a possibilidade de a noção de experiência colateral Peirceana abarcar contextos digitais, a fim de pensarmos em um modo de evitar que tais hábitos degenerados tornem-se regra no mundo *online*.

2 O ATUAL CONTEXTO TECNOLÓGICO: EXPERIÊNCIA COLATERAL E EXPERIÊNCIA DIGITAL

Retomando a reflexão de Peirce acerca da fotografia (CP 2.265), enquanto um signo indicial altamente informativo, mas que, para isso, é preciso um *conhecer de outros modos* o objeto, ou intimidade prévia com aquilo que o signo denota (CP 8.179), julgamos que no contexto atual há uma tendência em rejeitar ou menosprezar essa necessidade de experiência colateral nas mídias digitais.

Desde há muito tempo, o ato de comunicar-se não exige a presença de quem comunica e de quem recebe a informação. As pinturas rupestres e a escrita foram inovações nesse sentido, mas parece que a atual quantidade de informação e a intensidade das comunicações (por vezes ininterrupta através da *internet*), propiciadas pelas TIC, trouxeram novas perspectivas sobre o que é comunicar-se e/ou se informar. Grande parte do conteúdo informativo que é consumido na contemporaneidade é digital e mediado por tecnologias, conteúdo esse que provém tanto de indivíduos quanto de mídias tradicionais.

O espaço digital/virtual é, muitas vezes, um ambiente dos filtros, das bolhas epistêmicas, dos algoritmos tendenciosos, do *fake*, em que quase tudo pode ser reaproveitado em um outro contexto, o que dificulta a sinalização de quando e onde foi

¹¹ Quais sejam: (i) o contexto digital, por sua enorme multiplicidade sígnica tende a reduzir drasticamente a ação e a complexidade do objeto dinâmico; (ii) por ser um espaço em que conteúdos desinformativos podem ser rotineiramente propagados, o virtual inclina-se a ser um vertiginoso ambiente avesso à proposta pragmaticista de valorização do real.



produzido; pensemos, por exemplo, o caso do *meme* de *internet*¹² (mas cabe também considerarmos as *fake news*). Nathan Houser (2018), em uma conferência, argumentou que: “[...] com o advento da *internet* e mídias sociais o poder da propaganda de influenciar a consciência social e impactar a ação civil aumentou substancialmente [...]. E o que tem dado tanto poder à *internet* e mídias sociais é uma criatura de semiótica, o *meme*.” Alice Marwick e Rebecca Lewis definem *meme* como “[...] tropo visual que se prolifera pelos espaços da *internet* à medida que é replicado e alterado por usuários anônimos (2017, p. 36).” Tal caracterização ressalta a dinamicidade e a centralidade da atuação humana para alterar e replicar tais conteúdos; contudo, a identificação da gênese ou da autoria dificilmente é rastreável.

Visto a dificuldade em se estabelecer a autoria de conteúdos digitais, a possibilidade de responsabilização é prejudicada. Nesse sentido, mídias sociais deixam de ser, em geral, ambientes para obtermos informações confiáveis, tanto por conta dos algoritmos que situam as pessoas em suas respectivas bolhas epistêmicas, quanto por serem onde grupos mal intencionados ou ingênuos publicam e compartilham conteúdo desinformativo.

Em uma bela passagem, Ibri argumenta:

A crença em objetos excluídos da *experiência possível*¹³ faz com que sua aceitação como realidade se faça tão-somente por interpretantes emocionais, uma vez que os interpretantes lógicos pragmáticos são factíveis quando balizados por objetos dinâmicos, a saber, objetos reais. Pode-se dizer, que do método científico até o a priori, passando pelo da autoridade¹⁴, gradativamente se sobrelevam os interpretantes emocionais sobre os lógicos, uma vez que aqueles passam a ancorar as crenças. Isso, a meu ver, se dá por uma espécie de gradual *crepúsculo*, permitindo-me essa metáfora, da realidade enquanto algo que radicalmente independe de nossas opiniões sobre ela. Esse movimento, é aqui importante notar, esgarça o universal acordo de opiniões promovido pelo balizamento do signo pelo objeto, levando-o a relativismos advindos do arbítrio dos objetos apenas criados no interior do signo. (IBRI, 2018, p. 930, *grifo do autor*)

¹² Acreditamos que os *memes* são conteúdos digitais comumente pautados no humor; porém, podem também ser instrumentos sógnicos utilizados para transmitir desinformação e reforçarem tendências tenazes e/ou autoritárias no seu público-alvo.

¹³ Conforme o autor, *experiência possível* trata-se de uma expressão kantiana universal.

¹⁴ Ibri refere-se aos quatro métodos de fixação de crença discutidos por Peirce em seu famoso texto *The Fixation of Belief*, datado de 1877. São eles: o método da tenacidade; o método da autoridade; o método *a priori*; e o método científico-pragmático. Para Peirce, o método mais efetivo e coerente de se fixar crenças é o científico (que não necessariamente tem a ver com a noção corrente do termo).



Essa possibilidade de “criação” de objetos (imediatos) dentro do próprio signo, este não balizado pelo objeto dinâmico, mas sim dominado por interpretantes emocionais, encontra terreno fértil no contexto das mídias sociais e *sites* da *internet* que se dizem “informativos”. Distantes que são as relações complexas mediadas por TIC da possibilidade de experiência colateral, o *crepúsculo* da realidade conjecturado por Ibri (2018) incorpora-se às densas nuvens de uma constante tempestade de desinformação, esta que parece permear grande parte do ambiente virtual.

Em síntese, parece-nos que por sua preponderância de efeitos emocionais e pela escassez de possibilidades de experiências colaterais (que exigiriam, em certo sentido, uma educação digital), os meios digitais favorecem um ambiente adequado para a proliferação e eficácia de conteúdos como *fake news* e *memes*. Ainda que em um contexto diferente, Peirce escreve (CP 8.183¹⁵): “Mas uma pura imagem sem uma legenda apenas diz: ‘alguma coisa é como isto’”. No atual cenário, em que fotografias podem ser digitalmente modificadas e tiradas de contexto com muita facilidade, sequer podemos confiar nas legendas; estas, por vezes, podem ter sido feitas especialmente para que acreditássemos que o que denotam é verdadeiro.

Na dinâmica digital de informação e comunicação contemporânea, a postura pragmaticista de valorização do real frente à verdade tende a ser secundária. Isso explicaria o porquê de o emergir de uma sensação de “pós-verdade”, e a popularização deste termo coincide com a expansão e popularização de TIC pessoais e suas mídias sociais como centro informativo de uma parte dos usuários.

A seguir concluimos o presente artigo retomando pontos que consideramos importantes, e esboçando uma possível ação, ao menos paliativa, para a problemática situação de indiferença à realidade e, conseqüentemente, à verdade.

3 CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

A partir de nosso estudo teórico, focado em eventuais conseqüências epistêmicas do processo de geração de hábitos no espaço digital, e no plano da conduta de um contexto semiótico marcadamente dependente das tecnologias digitais nos processos de informação e comunicação, chegamos às seguintes conclusões:

¹⁵ Tradução nossa de: But a pure picture without a legend only says "something is like this".



(1) Orientados por nosso estudo da semiótica Peirceana, acreditamos que a experiência colateral, fundamental para a formação de hábitos condizentes com a realidade e a noção de verdade, é menosprezada no contexto das mídias digitais. A quase infinita multiplicação dos signos virtuais (que tendem a se adequar ao gosto do usuário), constantemente sem o importante apoio e/ou referência a objetos dinâmicos, causa uma sensação confusa e vertiginosa sobre a realidade e a verdade, que conflui para a formação de hábitos não-científicos, no sentido pragmaticista;

(2) Desse contexto, extraímos que o atual sentimento de uma Era de Pós-verdade explica-se pela incorreta sujeição da noção de verdade ao contexto de mídias digitais, sem a devida conscientização dos usuários e delimitação de ressalvas epistemológicas e ontológicas dos conteúdos virtuais;

(3) O objeto dinâmico não é alcançável, mas pode ser intermediado pelo objeto imediato. Este, de certo modo, é como “nos aproximamos” daquele. Julgamos que a partir de experiências colaterais é possível termos uma representação mais fidedigna, ou, em termos semióticos, uma ideia do signo mais genuína, do que se pautarmos nossa mudança de hábitos em signos alicerçados apenas em objetos imediatos no meio digital;

(4) Por fim, propomos, talvez como uma postura paliativa, um cuidado adicional no ambiente digital, alicerçado nas possibilidades de utilização do próprio meio *online*, buscando ali um tipo de “experiência colateral”, a fim de investigarmos a veracidade (ou não) das mensagens e conteúdos recebidos.

Estamos cientes de que no mundo contemporâneo é preciso termos um cuidado extra sobre aquilo que recebemos como informação. Julgamos que à época de Peirce, a resistência da alteridade era imaginada em um sentido presencial, possibilitando o emergir de dúvidas genuínas quando a expectativa individual era contrariada pelo real, dando margem para o estabelecimento de hábitos condizentes com a realidade e direcionados à verdade. A experiência colateral é, assim, fundamental para a busca de uma compreensão das complexidades do mundo. Mas, será que é possível supor a possibilidade de experiência colateral no interior de sistemas de signos digitais? Nossa conclusão (4) é pautada nesta pergunta.

A semiótica trabalhada no presente trabalho, de raiz pragmaticista, mais do que uma ciência que busca descrever as relações existentes e ativas na contínua experiência sígnica humana, pretende propor um método atento aos hábitos que possuem acordo com a realidade, e não com as opiniões e desejos pessoais. Com isso, o método pragmaticista parece buscar evitar que posturas dogmáticas perdurem na história humana, e que tendências retrógradas, alicerçadas na mentira e/ou desinformação, vigorem por muito tempo. Entretanto, de nossa análise sobre o contexto digital, concluímos que é um meio avesso à proposta pragmaticista. Isso se dá talvez por sua multiplicidade sígnica que, conformando-se aos gostos e interesses dos usuários,



possibilita uma ignorância em relação à resistência do objeto dinâmico; bem como, por ser um espaço em que conteúdos desinformativos são cotidianamente propagados para indivíduos com disposições emocionais específicas.

Sendo assim, e considerando a complexidade e dificuldade de emancipação¹⁶ humana no atual contexto de relações individuais e sociais mediadas pelas tecnologias digitais, julgamos que um primeiro passo para avançarmos frente a tal problema seria pensarmos em um tipo de “experiência colateral” inserida no próprio ambiente digital.

Talvez se adotarmos uma interpretação estritamente fiel sobre a experiência colateral Peirceana, não seria possível imaginarmos um tipo de tal experiência no âmbito virtual. Porém, compreendemos que a realidade estendeu-se a contextos que à época de Peirce talvez fossem impensáveis, o que nos leva a tecer a seguinte reflexão: no problemático cenário contemporâneo, uma solução que nos parece razoável, pelo menos por ora, é aprofundar-se no meio semiótico do digital, justamente para evitar cair em armadilhas que lhe são constantes. Entendemos que é talvez através do próprio meio tecnológico que possamos encontrar possibilidades de “experiências colaterais” em relação aos signos digitais – experiências que são sim limitadas, mas junto à postura falibilista, parecem-nos coerentes.

Com tal proposta de “experiências colaterais” no âmbito virtual queremos sugerir, por exemplo, uma cautela e certo grau de ceticismo quanto ao conteúdo que recebemos cotidianamente, e uma “investigação” ou pesquisa *online* sobre o que é denotado nos conteúdos digitais recebidos.

A fim de exemplificar o que pretendemos dizer, pensemos no termo *search*, que do inglês é traduzido por “pesquisar” e “buscar”, e em suas possibilidades de uso; conforme o dicionário Cambridge (2020), destacamos: “o ato de usar um computador para buscar informação, especialmente na *internet*”¹⁷. Já o termo *research*, do inglês, é traduzido também pelo verbo “pesquisar”, e conforme o dicionário Cambridge (2020), denota o ato de “estudar um assunto a fim de descobrir nova informação sobre ele”¹⁸. O

¹⁶ O termo “emancipação” é usado no sentido de uma busca por autocontrole ou autoanálise de experiências sígnicas, ou seja, é estar ciente da importância da reflexão, da postura falibilista (estar atento e aberto à revisão de nossas crenças) e da âncora do real no direcionamento da mudança de hábitos. Assim, “emancipação” é, neste trabalho, um termo análogo à postura que Peirce denomina científica.

¹⁷ “*to use a computer to find information, especially on the internet*”, e “*the act of looking for information with a computer, especially using the internet*”. Retirado de: *Cambridge Dictionary Online* (2020): <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/search>. Acesso em 24 de ago. de 2020.

¹⁸ “*to study a subject in order to discover new information about it*”. Retirado de: *Cambridge Dictionary Online* (2020): <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/research>. Acesso em 25 de ago. de 2020.



termo *search* é rotineiramente utilizado no contexto virtual, mas apesar de na língua portuguesa as traduções se confundirem, e tendo em vista o problemático cenário semiótico discutido neste trabalho, sustentamos que no âmbito da *internet* a noção de *research* (no sentido de aprofundar-se e insistir na busca de informação) seja mais condizente com a necessidade de cautela e investigação acerca dos conteúdos que recebemos.

Assim, o conceito de “investigação” pode ser entendido como ir além da mera aceitação do conteúdo recebido, buscando mais informação sobre o assunto em *sites* de pesquisa ou de notícias tradicionais, realizando, quando possível, uma pesquisa por imagens, perguntando (mesmo que por mensagens, e-mail) a alguém com experiência na área sobre a veracidade da “notícia”, acessando *sites* de *fact-checking* etc. Tais atitudes de *research*, apesar de estarem inseridas no ambiente virtual, podem ser consideradas, a nosso ver, como “experiências colaterais”¹⁹ que têm o potencial de trazer informação relevante sobre algo, fortalecendo a noção de objeto dinâmico nas relações semióticas de informação e comunicação digitais.

Tal postura crítica e investigativa, a nosso ver, é uma medida que pode atenuar os constantes prejuízos, decorrentes de instrumentos desinformativos, à postura pragmaticista Peirceana e, assim, colaborar na manutenção da importante noção de verdade, mesmo no problemático e confuso contexto contemporâneo.

¹⁹ Insistimos no uso de aspas em “experiência colateral” por termos ciência de que nossa proposta difere da noção Peirceana, a qual tomamos a liberdade de nela nos inspirarmos, a fim de contextualizá-la à situação tecnológica contemporânea discutida nesta pesquisa.



Recebido em: 05/10/2020

Aprovado em: 01/12/2020

Publicado em: 20/12/2020

REFERÊNCIAS

- HOUSER, N. The Disintegration of social mind. In: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE PRAGMATISMO, 18º., 2018, São Paulo. *Conferência*. 2018.
- IBRI, I. A. O Crepúsculo da Realidade e a Ironia Melancólica do Sucesso Brillhante e Duradouro: Reflexões sobre os Interpretantes Emocionais e Lógicos nos Modos Peirceanos de Fixação das Crenças. *Veritas* (Porto Alegre), v. 63, n. 3, p. 921-932, 31 dez. 2018.
- INSTITUTO DE TECNOLOGIA & SOCIEDADE DO RIO. *Big data no projeto sul global: Relatório sobre estudos de caso*. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://itsrio.org/wp-content/uploads/2016/03/ITS_Relatorio_Big-Data_PT-BR_v2.pdf>. Acesso em: maio 2020.
- MARWICK, A.; LEWIS, R. *Media Manipulation and disinformation online*. New York: Data & Society Research Institute, 2017. Disponível em: <<https://datasociety.net/output/media-manipulation-and-disinfo-online/>>. Acesso em: 05 jun. 2018.
- OXFORD UNIVERSITY PRESS (New York). *Word of the Year 2016 is...* 2016. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>>. Acesso em: 15 dez. 2019.
- PEIRCE, C. S. *Semiótica*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. Coleção Estudos.
- PEIRCE, C. S. *Escritos Coligidos*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores). Seleção de Armando Mora D'Oliveira; tradução de Armando Mora D'Oliveira e Sérgio Pomerangblum.
- PEIRCE, C. S., (1931-58), *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, Vols. I-VIII, Charles Hartshorne, Paul Weiss, and Arthur Burks, eds., Harvard University Press (referido como CP).
- RODRIGUES, Cassiano Terra. Peirce, Charles Sanders. *Enciclopédia jurídica da PUC-SP*. Celso Fernandes Campilongo, Alvaro de Azevedo Gonzaga e André Luiz Freire (coords.). Tomo: Teoria Geral e Filosofia do Direito. Celso Fernandes Campilongo, Alvaro de Azevedo Gonzaga, André Luiz Freire (coord. de tomo). 1. ed. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/58/edicao-1/peirce,-charles-sanders>>.
- SANTAELLA, L. *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Editora Pioneira, 2000.
- SANTAELLA, L. O Papel da Mudança de Hábito no Pragmatismo Evolucionista de Peirce. *Cognitio: Revista de Filosofia*, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 75-83, jan./jun. 2004. ISSN 2316-5278. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/cognitiofilosofia/article/view/13210>>. Acesso em: 08 jan. 2020.
- SANTAELLA, L. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- SILVEIRA, L. F. B. da. *Curso de Semiótica Geral*. São Paulo: Quartier Latin, 2007.